



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

ANA CAMILLA DA SILVA RODRIGUES

**POÉTICA DO SOFRIMENTO EM *LITURGIA DA PAIXÃO*,
DE LUIS AUGUSTO CASSAS**

CAMPINA GRANDE

2016

ANA CAMILLA DA SILVA RODRIGUES

**POÉTICA DO SOFRIMENTO EM *LITURGIA DA PAIXÃO*,
DE LUIS AUGUSTO CASSAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Graduada em Letras – Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Eli Brandão

CAMPINA GRANDE

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R686p Rodrigues, Ana Camilla da Silva
Poética do sofrimento em Liturgia da paixão, de Luis Augusto
Cassas [manuscrito] / Ana Camilla da Silva Rodrigues. - 2016.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Departamento de
Letras e Artes".

1. Literatura. 2. Interdiscursividade. 3. Teologia. I. Título.
21. ed. CDD 401.41

ANA CAMILLA DA SILVA RODRIGUES

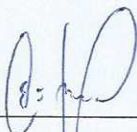
**POÉTICA DO SOFRIMENTO EM *LITURGIA DA PAIXÃO*,
DE LUIS AUGUSTO CASSAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do título de Graduado em Letras – Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura


Aprovada em: 09/05/2016.

BANCA EXAMINADORA



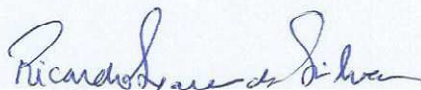
nota 9,0

Prof. Dr. Eli Brandão da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



nota 9,0

Profa. Me. Marcelle Ventura Carvalho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



nota 9,0

Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu filho, Lucas Miguel, razão de toda essa minha caminhada. Com amor e carinho, dedico-lhe este trabalho.

AGRADECIMENTOS

A Deus que é força e esperança nos momentos de aflição.

A meu filho, Lucas Miguel, fonte da qual tirei e tiro forças para sobrepor qualquer obstáculo.

A meus pais fonte de meus princípios e caráter . A vocês dois, o meu profundo e eterno agradecimento.

A minha querida irmã Ana Calline, pessoa a qual dividi por anos não só um quarto, mas, durante alguns anos, a vida.

Ao amigo, companheiro e amado marido Adalberto, por sempre estar ao meu lado. Obrigado pelo carinho, pela compreensão e principalmente pela cumplicidade.

Ao meu orientador, professor Eli Brandão, pela confiança e leituras sugeridas ao longo dessa orientação.

A todos os professores que fizeram parte de minha formação acadêmica.

Ao colega Huerto, que, por muitas vezes, abdicou de seu tempo para orientar leituras ainda do PIBIC.

Aos colegas de classe, em especial Daniele Camila, Renata Diniz e Robson Roldão, pelos momentos de amizade e apoio.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte desta conquista.

“ Namastê/ que bom te ver/ o poeta que mora em mim/
saúda o poeta que mora em você”.

(CASSAS, **A Poesia sou eu**. 1º vol. Rio de Janeiro: Imago, 2012)

POÉTICA DO SOFRIMENTO EM *LITURGIA DA PAIXÃO*, DE LUIS AUGUSTO CASSAS

Ana Camilla da Silva Rodrigues¹

RESUMO

Esse trabalho busca analisar as relações entre alguns poemas do poeta Luis Augusto Cassas e textos bíblicos, com ênfase na questão da paixão, observada, neste contexto, como sofrimento. Entretanto, um sofrimento tido como aprendizado, lapidação, purificação ou reaproximação do homem com Deus. Utilizamos, para análise, alguns poemas do livro *Liturgia da paixão - Opus da Compaixão* (1997), como “Apocalipse”, “A Mercadoria Extraviada” e “Dia de Finados”. Nestes observamos os processos de intertextualidade e interdiscurso com o texto litúrgico, apresentados em forma de paráfrase. Neste sentido, a pesquisa põe em destaque questões relativas à relação do homem com o divino, observadas a partir dos textos teológicos e, portanto, presentes nos poemas apresentados. A temática da paixão/sofrimento está posta com caráter didático, tendo em vista que esta apresenta um ensinamento, que é ponte para o eterno. Apoiamo-nos teoricamente nos estudos de Fiorin (1994), utilizando os conceitos de figura e tema relacionados à temática da paixão/sofrimento; Maingueneau (1997) para observarmos o processo de interdiscurso entre a poética de Cassas e o texto bíblico e ainda Genette (1982) que fundamentou a discussão acerca do processo de intertexto e, conseqüentemente, de paráfrase entre o texto poético e literário.

Palavras-Chave: Literatura. Interdiscursividade. Teologia.

INTRODUÇÃO

Este artigo se propõe a analisar alguns poemas do livro *Liturgia da paixão - Opus da Compaixão*, publicado originalmente em 1997 e republicado em 2012, no volume 1 da coletânea de Cassas. Buscamos tecer considerações analíticas em torno do conteúdo teológico presente em seus poemas e interpretar, nas metaforizações produzidas em sua poética, por meio de procedimentos intertextuais e interdiscursivos, a perspectiva do sofrimento como forma de purificação ou de via para o eterno.

O poeta Luis Augusto Cassas² nasceu em São Luís, Maranhão, em Março de 1953. Publicou vários livros de poemas, os quais foram agrupados em dois volumes com o título **A Poesia sou eu** (2012).

¹ Aluna de Graduação em Letras Português na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: camillameine@hotmail.com

² Poeta maranhense, contemporâneo, autor de diversos livros, dentre eles, “Shopping de Deus & A Alma do Negócio”, 1988, “Retorno da Aura”, 1994, “Liturgia da Paixão”, 1997, “Ópera Barroca”, 1998, “Bhagavad-Brita” (a canção do beco), 1999, Evangelho dos Peixes para a ceia de Aquário, 2008, Tao à Milanesa, 2012.

No conjunto de sua obra, perpassa uma poética que se caracteriza pelo esforço para unir o sentido social, teológico e lírico-existencial.

Desde o livro de estreia, foi saudado com destaque pela crítica literária. Sobre a obra do poeta, alguns respeitados escritores e críticos, a exemplo de Carlos Drummond de Andrade, destacaram o seu valor literário: “Forte e bela poesia, atenta à vida humana e às questões de nosso tempo.” Talvez se possa dizer que, ao mesmo tempo que litúrgica, é social sua poética.

Liturgia da Paixão, livro do qual extraímos, para apreciação, alguns poemas, recebeu elogios do escritor Mário Alvarenga Borges, que destacou a linguagem criativa, nova de Cassas: “Liturgia da Paixão traz uma nova linguagem, enaltecida da criatura humana, porque o aproxima de Deus.” Ainda acerca da obra de Cassas, Fernando Py, poeta e crítico literário, afirma que os versos escritos pelo poeta maranhense aparentam ser versículos, pois, são longos.

Em *Liturgia da Paixão*, o autor, ao mesmo tempo que sugere a comunhão universal de tudo com todos, admite que a convivência do eu com o outro é conflitante. Nessa perspectiva, percebe-se o tom paródico em que o autor sinaliza “Crucifica o próximo, Senhor. Crucifica-me junto com o outro, pra ver se o suporte no paraíso”.

Os poemas “Apocalipse”, “A Mercadoria Extraviada” e “Dia de Finados” foram selecionados por critérios de presença patente do tema do sofrimento.

Empreendemos uma leitura, a partir de uma abordagem que se apoia em contribuições teóricas de Fiorin (1994), Maingueneau (1997) e Genette (1982).

De Fiorin, utilizamos os conceitos de Figuras e Temas. Para ele, o sentido de um texto abrange dois níveis de concretização: a tematização e a figurativação.

... dependendo do grau de concretude dos elementos semânticos que revestem os esquemas narrativos, há dois tipos de textos: os figurativos e os temáticos. Os primeiros criam um efeito de realidade, pois constroem um simulacro da realidade, representando, dessa forma, o mundo; os segundos procuram explicar a realidade, classificam e ordenam a realidade significante, estabelecendo relações de dependências. Os discursos figurativos têm uma função descritiva ou representativa, enquanto que os temáticos têm uma função predicativa ou interpretativa. Aqueles são feitos para simular o mundo; estes, para explicá-lo (FIORIN, 1994, p.91).

O entendimento é o de que para que um texto seja predominantemente temático ou figurativo é preciso que haja maior recorrência de um ou outro aspecto. Desta forma, um texto que tenha temática religiosa predominante é revestido por figuras que aludem ao tema. Da

mesma forma o texto pode ser predominantemente figurativo quando os vocábulos representam ideia do mundo e da realidade.

A figura, como indica Fiorin (1994, p.65), “ é o termo que remete a algo do mundo natural, enquanto o tema é “um investimento semântico, de natureza puramente conceptual que não remete ao mundo natural”, havendo, por isso, maior evidência de elementos abstratos.

De Maingueneau, tomamos a concepção de que o processo interdiscursivo ocorre quando se incorporam temas e/ou figuras, percursos temáticos e/ou figurativos de um discurso em outro. Entendemos que o discurso, ao definir sua identidade em relação ao outro, constitui uma heterogeneidade, revelando, por um lado, sua identidade e, por outro, sua diferença (1997).

De Genette, utilizamos as contribuições relativas à modalidade da Intertextualidade, em conformidade com sua Teoria da “Transtextualidade”, em *Palimpsestos* (2006), entendida como a presença literal ou integral de um texto em outro, seja como citação, alusão ou estilização. Embora este trabalho não tenha o objetivo de utilizar, rigorosamente, a modalidade da Hipertextualidade, da Teoria de Genette, perpassa nossa escrita a conjectura de que a poética de Cassas em seu conjunto pode ser entendida como um grande palimpsesto da Bíblia.

Um palimpsesto é um pergaminho cuja primeira inscrição foi raspada para se traçar outra, que não a esconde de fato, de modo que se pode lê-la por transparência, o antigo sob o novo. Assim, no sentido figurado, entenderemos por palimpsestos (mais literalmente hipertextos), todas as obras derivadas de uma outra obra anterior, por transformação ou por imitação.

{...} Um texto pode sempre ler um outro, e assim por diante, até o fim dos textos. (GENETTE, 1982, p. 18-19)

Percebe-se que a partir da definição sobre palimpsesto pode-se entender a forma através da qual a maioria dos textos literários são criados. Ou seja, grosso modo, as produções textuais literárias são produzidas, na maioria das vezes, a partir de outras fontes, de forma que textos anteriores aparecem no texto novo com maior ou menor percepção do leitor, dependendo de seus intertextos.

É inquestionável a influência exercida pelo texto bíblico na formação do imaginário e dos valores das sociedades no contexto sociocultural do Ocidente. Desse modo, qualquer compreensão relativa ao humano que vive neste contexto será devedora à compreensão do tipo de relação que este estabeleceu com a herança judaico-cristã. É nesse sentido que buscamos analisar interdiscursivamente e intertextualmente relações entre Literatura e Teologia existencial, evidenciando o processo do sofrimento como forma de elevação do

humano ou via para o eterno, ressaltando o diálogo entre a poesia de Cassas e a poesia dos textos teológicos da Bíblia.

Esse estudo resulta de um recorte do relatório final do PIBIC (*Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica*), apresentado em novembro de 2015. Na UEPB, o projeto está ligado ao Grupo de Pesquisa de base CNPq - **Litterasofia. Hermenêutica literária em diálogo com a filosofia e a teologia**, Linha de pesquisa do TCC (graduação) e linhas de pesquisa do PPGLI (Mestrado e Doutorado em Literatura e Interculturalidade) do DLA/UEPB: *Literatura e Literatura e hermenêutica*.

A POÉTICA DE CASSAS

A poesia de Cassas nos apresenta o relacionamento entre sujeito *versus* objeto. Desta forma, tal relação se reflete na indissolubilidade entre Deus e o homem, entre o material e celestial.

Em seus poemas, percebemos uma crítica ferrenha ao poder, às pessoas que mesmo obtendo esse poder não conseguem ser felizes, posto que a felicidade não está nos bens materiais, como no dinheiro, mas sim dentro do ser. O eu poético sente a dor do mundo, expõe as mazelas existenciais do ser, as diferenças sociais. Porém, mesmo diante de tudo o que levaria à descrença, o poeta reacende a chama da esperança em vários momentos de sua poesia, posto que o homem é semelhança de Deus, razão porque o homem é esperança.

Com uma linguagem prosaica e, muitas vezes, sem preocupações com regras de estética, Luis Cassas nos abre um horizonte de expectativas para com o homem, a terra e Deus. O autor não apenas tem um amor, mas sim dois (Deus/Terra), e não manifesta tensão entre o gosto pela materialidade opulenta e as demandas de uma vida espiritual, vivendo assim de maneira harmônica com ambos.

Os recursos utilizados em sua poética como intertextualidade e interdiscursividade funcionam como reafirmação de que a poesia não é apenas do Cassas, mas é dos poetas e do mundo. Cassas visita livros e autores antigos como também contemporâneos. Faz um diálogo com outras artes e linguagens, miscigenando o humor e a ironia em uma poética leve e bela.

A obra de Luís Augusto Cassas já se revela como uma singular poética e o autor pode ser considerado um mestre da poesia maranhense. Através da expressão poética, procura revelar as facetas da sociedade do Maranhão e as desigualdades que se instalam no centro dessa relação. Expressa também a intimidade do humano com o Sagrado, revelando as faces humanas em relação com Deus e com o mundo.

Trata-se de poesia que interpreta as interfaces da alma humana, que está em relação com o transcendente, capaz de afirmá-lo, ou negá-lo, sem contanto perder essa ligação.

Em *Liturgia da Paixão*, Cassas põe à prova o que realmente é felicidade e o porquê do sofrimento humano. Para o eu lírico, nos poemas analisados, a paixão(sofrimento) é vista como aprendizagem/purificação, ou seja, como uma verdadeira via para o eterno. Diante disso, podemos encontrar, na leitura de alguns poemas do livro *Liturgia da Paixão*, como o ser humano concebe a sua relação com o divino neste contexto.

Os livros de Cassas são compostos de poemas que apresentam e internalizam elementos profanos e religiosos, que demonstram o espírito do homem moderno, que traz em si a religiosidade de uma tradição sociocultural Judaico-católico-cristã, num mundo de profundas e complexas transformações técnico-científicas e sociais: *que céu é esse de Embriões & clones* (CASSAS, 2000, p. 37), e processos de secularização e dessecularização da religião.

É a vida um dos elementos essenciais celebrados nos poemas de Luís Augusto Cassas, em representação dos sentimentos e desarranjos do humano em que se revelam a vida, a alma do homem e a essência de suas experiências sociais, religiosas, humanas e ao mesmo tempo esta vida vivida de forma harmônica tanto com o divino quanto com o terreno. Esta relação é, por exemplo, verificada em “*Tenho dois amores: Deus e o mundo*” (CASSAS, 1998, p 31). A poesia de Cassas tenta revelar a intensidade da experiência humana com o sagrado e, ao mesmo tempo, a complexidade da vida humana no mundo gerador de conflitos da modernidade que o circunda. Trata-se, desta forma, como aponta Silva (2002) de uma tentativa do poeta de imprimir, em sua poesia, as diversas faces do humano e da vida.

Cassas representa em seus poemas a diversidade de sentimentos da condição humana diante de tantas questões suscitadas: questões filosóficas, sociais, religiosas, sentimentais e, principalmente, em *Liturgia da paixão*, a questão do sofrimento. Enfim, tudo que inquieta o ser humano e que, de qualquer forma, faz parte dele.

Em seu lirismo poético-profano e palimpséstico – teológico é possível identificar a presença de extratos teológicos intertextuais e interdiscursivos. Seus Salmos celebram o homem no mundo e com Deus, como hipertextos, pois remontam não só o gênero salmítico, mas revelam e evocam intertextos e interdiscursos de várias partes da Bíblia.

A estética da poética de Cassas é concebida de forma despreocupada com padrões formais; não está presa, por exemplo, a normas de regularidade métrica, ou de rima. A palavra não está a serviço da forma, mas a serviço do conteúdo. A exploração do código se presta às possibilidades polissêmicas a que a linguagem literária pode alcançar. Não há rigor formal,

talvez esmero linguístico, no sentido de uma escrita bem cuidada. O que está evidente são preocupações de outra natureza, como temas que exploram vocabulário litúrgico, na perspectiva da aproximação entre as esferas do terreno e do espiritual. Sua militância literária, se assim pudermos dizer, perpassa o caminho da reflexão, circunscrevendo questões espirituais e existenciais, a partir de eventos sejam históricos-religiosos, a exemplo da crucificação de Cristo, sejam os dilemas que rodeiam e inquietam o homem em todos os tempos da história cristã. Apesar de não está preso aos modelos estéticos do passado, Cassas não deixa de tornar fonte o passado. Sua poética, frequentemente, dialoga com a história da produção artístico-literária brasileira, mas também com o livro maior da tradição cristã - a Bíblia. Nesse sentido, o mundo poético desse poeta maranhense é também a expressão da vasta leitura das artes com as quais o poeta convive, dialoga, recria, transfigura como mensagem no caminho da transcendência.

POÉTICA DO SOFRIMENTO

É sabido que as linguagens teológicas e literárias dialogam, posto que refletem a vida do homem, seus anseios, suas experiências, suas inquietudes, esperanças etc. Os textos literários servem como aporte para explicar o inexplicável na religião, como Brandão (2004, p.62) assinala:

A religião utiliza a linguagem poética para expressar a experiência pessoal e coletiva e para falar do ainda-não, dos possíveis humanos, da esperança, por deficiência, pois essa linguagem não consegue traduzir a intensidade das experiências; por eficácia, pois o ser humano é capaz de criar, de utilizar um sistema simbólico através do qual pode transmitir a outros a sua experiência; e proficiência, porque só a poesia tem força, beleza e capacidade de atingir dimensões do humano que a linguagem comum dissimula.

Assim, o texto literário metaforiza o texto religioso dando voz ao inefável, refletindo os sentimentos da vida.

Acerca do título do livro *Liturgia da paixão - Opus da Compaixão*, pode-se fazer um percurso em torno de todo o seu sentido peculiar. Segundo Luft (1998, p. 427), a palavra *liturgia* refere-se a “cerimônias religiosas estabelecidas no ritual da igreja.” Já *paixão* refere-se a “padecimento, sofrimento”. Sofrer é o termo teológico cristão utilizado para descrever os eventos e os sofrimentos, sejam eles físicos, espirituais ou mentais de Jesus nas horas que antecederam seu julgamento e sua execução. Este evento, a crucifixão de Jesus, é um evento central às crenças cristãs. E, ainda como subtítulo a expressão “Opus da Compaixão”

significando “Obra da compaixão”, isto é, o “ritual” do sofrimento que conduz o eu lírico à transcendência e assim a compaixão com o próximo ou a tentativa de piedade para com seu próximo, como evidenciam os versos do “Poema da Vã Glória ou Da Glória Vã” (p.189):

Crucifica o próximo, Senhor.
Crucifica-me junto com o outro,
Pra ver se o suporto no paraíso.

O sofrimento humano é bastante discutido, e é um dos argumentos mais fortes utilizado pelos ateus contra o cristianismo, pois essas pessoas se perguntam como pode existir um Deus bom e perfeito, ao mesmo tempo em que se observa tanto sofrimento, dor, injustiças, guerras e males neste mundo. A resposta é simples, segundo Gabriele Greggersen no artigo *Sofrer, para quê? Um ensaio sobre o sofrimento no pensamento de C.S.Lewis* (2012), “Deus não agiria contra a natureza por ele mesmo criada”, e esse “não agir” é interpretado de forma equivocada por alguns. Segundo Lewis “As inexoráveis ‘leis da natureza’, que operam a despeito do sofrimento ou do merecimento humano e que não são afastadas pela oração, parecem, à primeira vista, fornecer um forte argumento contra a bondade e poder de Deus” (LEWIS, 2012, p.35-36). Porém, o sofrer é apenas um resultado do livre arbítrio que Deus concede às suas criaturas, para que, desta forma, estas se purifiquem e, parafraseando Greggersen, abram mão de sua autossuficiência para se deixarem ser usadas por Deus. Assim, tanto para Greggersen, quanto nos poemas de *Liturgia da paixão*, o sofrimento é utilizado como forma de reaproximação do homem com Deus e, portanto, via para o eterno.

O sentido de um texto abrange dois níveis de concretização: a tematização e a figurativação. Segundo Fiorim (1994, p. 65), a figura “é o termo que remete a algo do mundo natural como as palavras: árvore, vagalume, sol, brincar, vermelho etc., ou seja, algo ‘concreto’ que pode ser ou não palpável. Já o tema é “um investimento semântico, de natureza puramente conceptual que não remete ao mundo natural”. Isso significa que há uma maior evidência de elementos do mundo abstrato como: amor, antiguidade, paz, etc.

Na sétima estrofe do poema “Apocalipse”, verifica-se a presença de temas e figuras da paixão.

Quando o sofrimento não for mais punição,
Expição ou tragédia cósmica,
mas missão que lapidará o homem
para o mandado da existência,
sabereis que corri atrás da estrela.
O sofrimento será o que sempre foi:
Ponte aérea para o desembarque no eterno.

(p. 122)

Nestes versos, alguns dos vocábulos que indicam o tema da paixão são: *sofrimento*, *punição*, *tragédia*, *missão*. Todas essas palavras conduzem uma reflexão sobre a paixão, mais especificamente a paixão(sofrimento) que de alguma forma ensina algo ao homem, ou o fortalece na sua caminhada terrena. *Sofrimento*, *punição* e *tragédia* remetem ou parafraseiam à via-crúcis(paixão) de Jesus Cristo, circunstância em que ele foi humilhado, punido, sem ter culpa alguma, como evidencia a passagem bíblica (Mt, 27:50) “O presidente, porém, disse: Mas que mal fez ele? E eles mais clamavam, dizendo: Seja crucificado.” Ainda no texto bíblico (Mt, 27:50), registra-se o desfecho trágico com sua morte “E Jesus, clamando outra vez com grande voz, rendeu o espírito.” Todo o sofrimento de Jesus, na tradição cristã, tinha um propósito que era restaurar a comunhão de Deus com o homem.

Já as figuras que remetem ao tema da paixão, revelam-se nos termos que se apresentam particularmente como elementos concretos como *lapidará e homem*. Observa-se que após o sofrimento ou a “lapidação” vem o “aprendizado” ou a transcendência para o homem. Na história bíblica, Jesus veio ao mundo para salvar o homem do pecado e precisou sofrer, carregar sua cruz, para a salvação de todos; já o homem, como mostra o poema, a partir do momento em que vê o sofrimento não como algo trágico, mas como algo que edifica uma experiência fundamental dentro de si, este transcende o palpável e enxerga o eterno.

O poema “Apocalipse” propõe a uma reflexão sobre o sofrimento/paixão, sofrimento este visto como forma ou ferramenta a serviço da lapidação do homem com o fim de trazê-lo para mais próximo do eterno.

A relação do eu poético com o mundo terreno e/ou com o mundo espiritual não é dicotômica, dizendo de outro jeito, não são experiências marcadas pelas tensões que, em princípio, demarcariam essas aproximações.

APOCALIPSE 5

Descalcei-me das sandálias do intelecto
e penetrei no sonho dourado da consciência
onde todo o ideal transmuta-se em real.

E clamei ao céu:”-Bendigo a dor
que me trouxe a compreensão do amor!”

Foi ai que vi a verdadeira face de Deus
refletida no rosto da vida.

Descobri (então) que o mundo todo era meu,

à exceção de tudo o que me pertenceu (p.125)

Neste poema, as figuras e temas da paixão remetem ao sofrimento, novamente posto como aprendizado. As palavras temáticas no poema aparecem em maior número que as figurativas e todas sugerem um mesmo caminho interpretativo sobre o tema em questão: paixão/sofrimento. Tais palavras temáticas – *intelecto, sonho, consciência, ideal, amor, Deus, vida e descalcei-me* - estão diretamente ligadas ao tema central da paixão, posto que a ação de descalçar-se do intelecto é percebida como forma de humildade para chegar-se a Deus enxergado na vida, ou seja, nas coisas simples do dia a dia.

As palavras figurativas - *sandálias, face, rosto* - estão em função do tema central que é a paixão, pois mesmo sendo elementos concretos representam ideias abstratas, ou seja, a ideia da humildade alcançada a partir do sofrimento, e assim a humildade é observada como transcendência. Para Platão e Fiorin (1995, p. 72), as figuras podem também atribuir um efeito de realidade ao texto

pode-se tomar um esquema narrativo, revesti-lo com termos abstratos e assim construir um texto. Ou pode-se concretizar esse texto abstrato com elementos concretos que representam coisas, ações e qualidades encontradas no mundo natural e, portanto, perceptíveis pelos sentidos.

A temática da humildade alcançada a partir da paixão/transcendência é observada a partir de um interdiscurso, manifestado como forma de intertexto do texto bíblico. No primeiro verso da primeira estrofe do poema “Apocalipse”, a ação de “descalçar as sandálias” dialoga parafrasticamente com algumas passagens bíblicas, cuja temática é o “descalçar das sandálias”.

O primeiro texto é o de Moisés, em cuja narrativa conta-se que Moisés estava levando um rebanho de ovelhas até o pasto no Monte Horebe quando se depara com uma planta, a “sarça”, rodeada de chamas. Porém, essas chamas não queimam a planta. Neste mesmo instante, quando se encontra extasiado com o que vê, escuta uma voz que era de Deus, então Deus disse : “Não se aproxime. Tire as sandálias dos pés, pois o lugar em que você está é terra santa” (Êxodo 3:5). A partir desse dia, Moisés passou a ter uma missão dada por Deus, missão essa de apascentar as ovelhas/povo de Israel. O segundo texto parte de Josué, este encontra-se com um homem, que na verdade se tratava de um anjo, que está com uma faca em mãos, Josué então perguntou se o homem/anjo estava a seu favor ou contra na guerra santa. O homem proferiu a Josué que era “chefe do exército de Javé” (Javé 5:14), e o anjo falou “Tire as sandálias dos pés, porque o lugar onde você está pisando é lugar sagrado” (Josué 5:15).

Na primeira estrofe do poema “Apocalipse”, o eu lírico retira as “sandálias do intelecto” como forma de humildade, parafraseando o texto bíblico sem tirar-lhe a primeira interpretação, e ainda acrescentando (com a ferramenta da paráfrase) outra reflexão, ao se descalçar da razão ou ao fazer sua transcendência humana, enxerga Deus, não apenas no plano das ideias, mas sim no plano real, no mundo palpável.

Na segunda estrofe, o eu lírico afirma “–Bem digo a dor que me trouxe a compreensão do amor!”. Observa-se que a dor é vista como meio, caminho didático, ou seja, a dor não é tida apenas como sofrimento, mas também como aprendizado e, por conseguinte, crescimento.

Na terceira estrofe, constata-se o “aprendizado”, ou seja, o eu lírico ao transcender sua paixão/dor consegue enxergar, no caso deste poema, a “face de Deus”, que está “refletida no rosto da vida”. O eu poético corporifica Deus não como algo invisível aos olhos humanos, mas como algo concreto, terreno, ou seja, na beleza mais singela da vida.

Na quarta e última estrofe, o eu lírico admite sua transcendência, de forma que o imaterial (mundo) era todo seu, já o material nunca o foi.

APOCALIPSE (2)

4ª estrofe (p.127)

Quando aprendi a transformar pedras em pães
o sol ergueu-se da imersão na matéria
e proclamou a temporada da transfiguração.
Nova fonte de luz jorrou em meu espírito
e veio ter comigo o anjo da alegria.
Rosas brotam nas chagas do coração.

Os termos figurativos do texto como “pedras”, “pães”, “rosas”, “chagas” e “coração” remetem ao tema do sofrimento/paixão.

Na história bíblica, Jesus foi conduzido ao deserto pelo Espírito Santo para ser tentado pelo diabo. Depois de quarenta dias no deserto, o diabo aparece-lhe fazendo uma proposta tentadora, pois Jesus estava faminto já que estava em jejum. O diabo lhe disse: "Se você é o Filho de Deus, mande a esta pedra que se transforme em pão" (Lc, 4:3). Na tradição cristã Deus consente a tentação para aprovar, já o diabo, usa-a para nos fazer pecar. Na história bíblica Jesus sofre todas as tentações que o diabo coloca a sua frente. Porém, Jesus resiste a toda tentativa de pecado que o diabo oferece. A construção do poema é feita a partir da paráfrase com o texto bíblico, contudo, sem fazer inversão de sentido, mas sim acrescentando-lhe algo mais.

No poema o eu lírico propõe que a partir do momento em que se reconhece algo ou que se aprende, como se percebe no primeiro verso “aprendi a transformar pedras em pães”, o homem faz sua transcendência. Percebe-se também a transformação de matéria em algo não palpável, como se verifica nos versos dois e três “o sol ergueu-se da imersão na matéria/ e proclamou a temporada da transfiguração.” A transfiguração posta na terceira estrofe faz paráfrase com o texto bíblico em que “Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, e a Tiago, e a João, seu irmão, e os conduziu em particular a um alto monte, e transfigurou-se diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as vestes se tornaram brancas como a luz” (Mt 17:1-2). Na religião cristã, o fato da transfiguração ter ocorrido no alto de uma montanha significa o ponto onde a natureza humana se encontra com Deus, ou seja, o encontro do terreno com o eterno, e assim o próprio Jesus faz o papel de ponte entre o céu e a terra. A fonte de luz que jorrou no espírito do eu lírico do poema, fazendo ponte com o texto bíblico, pode-se dizer que seria Jesus Cristo. Percebe-se que o anjo da alegria posto no quinto verso “e veio ter comigo o anjo da alegria” dialoga com, ou parafraseia o texto bíblico “E o anjo lhes disse: Não temais, porque eis que vos trago novas de grande alegria” (Lc,2: 10).

O anjo que traz alegria ao eu lírico é o anjo da transcendência, pois é a partir dele que “Rosas brotam nas chagas do coração”, ou seja, a partir da paixão, da dor, do sofrimento (sinalizados pelas chagas) é que se chega à capacidade de superar os limites e, assim, brotam-se rosas da experiência do sofrimento.

A MERCADORIA EXTRAVIADA

Vida, se eu te peço amor
 porque me serves dor?
 Se desposo a mão da beleza
 por que me envias o rosto da loucura?
 Se adormeço na cama de estrelas,
 por que me atiras à cruz dos caminhos?
 Se imploro, por que não me ouves?
 Se bato, por que a porta não abres?
 Se a boca gosta de peixe,
 por qual razão ofertas porco?
 Se visto a inocência das ovelhas,
 por que me atiras à senha dos lobos?
 Se busco o pão do espírito,
 por que me entregas a flor da matéria?
 Meu pedido foi paixão,
 mas me trouxeste compaixão!

Os vocábulos que nos apresentam o caminhar figurativo neste poema são: dor, loucura, cruz, caminhos, imploro e paixão. Desta forma nos apontam o tema central do sofrimento.

Pensar o título do poema - *A mercadoria extraviada* – a partir da acepção de que *extraviar* (Luft, 1998) aponta para 1. afastar(-se) do caminho; perder(-se). 2. (fig.) desviar(-se) do bom caminho; perverter(-se)., subentende que algo “mercadoria” ou “alguém” perdeu-se ou se afastou do caminho reto e tomou, por algum motivo ou “desvio”, no meio da jornada, uma direção oblíqua. Todo o percurso do poema parece arquitetar-se a partir de um encadeamento de metáforas paradoxais: “se te peço amor / por que me serves dor”. O contraste entre o benefício solicitado e o benefício concedido, - “Meu pedido foi paixão, / mas me trouxeste compaixão”, inevitavelmente constatado pelo eu lírico, coloca o eu poético e, por conseguinte, o homem à prova.

O paralelismo sintático-semântico contribui, no plano semântico, para a aparente serenidade do eu lírico ante às contrariedades da vida. O jogo paradoxal põe em tensão o estágio que se busca “o pão do espírito” e o que se tem “a flor da matéria”. A inquietante e insistente busca do eu poético, por um lado, evidencia o desejo de aproximação com o divino: “Meu pedido foi paixão”. Por outro lado, não parece haver empenho do ser divino para com as buscas do eu: “Se imploro por que não me ouves?”

Dois planos são evidentes na aparente relação tensa do eu com o ser supremo: o plano desejado e o plano obtido.

Percebe-se que o eu lírico por diversas vezes invoca a vida, que, no poema, pode ser entendida como sendo Deus que, para os cristãos, é quem a administra. A insistência por pedidos é explicada pela mesma forma que estes são atendidos às avessas, ou seja, se o sujeito lírico pede “amor”, a vida/Deus lhe oferece “dor”; se tem a “beleza”, a vida envia-lhe a “loucura”; se o eu lírico adormece/ descansa em “cama de estrelas”, a vida o acorda e o lança a “cruz dos caminhos”, ou seja, aos caminhos difíceis.

A insistência da interrogação utilizada no poema afirma cada vez mais a dúvida/pergunta acerca do motivo pelo qual não são atendidos os pedidos do eu poético ou o porquê de seu sofrimento. Conforme o final do poema vai se aproximando, as angústias vão se somando como notamos nos versos: “Se busco o pão do espírito,/por que me entregas a flor da matéria?” Neste e nos outros versos em que se pergunta o porquê do abandono, nota-se uma intertextualidade (interdiscurso) com o texto bíblico, conforme a passagem em que Jesus é crucificado e pergunta a seu pai, Deus, porque este havia lhe abandonado: “Pelos três horas da tarde Jesus deu um forte grito: ‘Eli, Eli, lamá sabactâni?’”, isto é, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?”(Mt, 27:46). Desta forma, tanto o eu lírico do poema quanto Jesus, neste fragmento bíblico, perguntam-se por que foram abandonados.

Na Bíblia a paixão/sofrimento de Jesus tem o propósito de reaproximar o homem de Deus, como também a esperança da vida eterna. Jesus, que sentia dores e angústias assim como o homem, em um momento de extremo sofrimento, pergunta o motivo pelo qual seu pai havia lhe abandonado. Entretanto, o próprio texto bíblico (D. t, 31:8) afirma que “O próprio Senhor irá à sua frente e estará com você; ele nunca o deixará, nunca o abandonará. Não tenha medo! Não se desanime!”, ou seja, o criador jamais abandona um filho seu, mesmo que este cogite seu abandono. Na realidade, Deus sempre estará ao seu lado. Os versos de Cassas parecem evidenciar que é preciso que o homem passe por provações para alcançar este entendimento.

Em seu desfecho, o poema nos apresenta mais um pedido do eu lírico o qual é atendido. Porém, não da forma que foi rogado, como vemos em “Meu pedido foi paixão,/ mas me trouxeste compaixão”. Assim, percebe-se o verdadeiro sentido da paixão/sofrimento no texto que é a percepção de que na caminhada nem sempre tudo ocorrerá como previsto. Contudo, a cada obstáculo vencido, restará o aprendizado e nele a nossa transcendência que no texto apresenta-se como compaixão.

DIA DE FINADOS

Quando a trombeta dos tempos soar
e o anjo da consciência chamar-me
à cena de origem,
retirarei a pedra do sepulcro interior
e gritarei em voz alta:
“-Sofrimento, vem para fora!”

Será a hora que os túmulos se abrirão
e o menino renascido como um sol nos lábios
voltará a comungar da ceia dos homens
como se estivesse inaugurando o oxigênio da vida
e celebre a luz de todas as manhãs do mundo.

Em nome da vida, ò morte,
estará vencida!
(p.186)

Nosso caminho temático é trilhado pelas palavras sepulcro, gritarei, túmulos, assim avistamos o tema do sofrimento.

Na cultura católica, o Dia de Finados é dedicado a homenagear os mortos, posto que desde o século XI os papas Silvestre II, João XVII e Leão IX passaram a exigir tal celebração. Muitas vezes, no dia de finados, o tempo fica nublado ou chuvoso, as crenças populares dizem que isso acontece porque as lágrimas das pessoas são derramadas dos céus. De fato, o

dia de finados torna-se um dia de tristeza e melancolia para os parentes ou amigos dos que já se foram. Porém, como a cultura se diversifica em todo o mundo, no México, por exemplo, ao invés de melancolia, os mortos são homenageados com grandes festas, isso faz com que o país receba visitas de turistas de todo mundo.

Em todo o poema percebemos a presença forte da ressurreição, seja ela de Cristo ou da alma do homem, através de seu sofrimento/morte. O eu lírico nos apresenta, logo nos primeiros versos do poema, a ideia do “final dos tempos”, como aponta em “Quando a trombeta dos tempos soar/ e o anjo da consciência chamar-me à cena de origem”. Nestes versos, percebe-se uma intertextualidade com o texto bíblico, nas passagens em que Deus faz revelações a João, como notamos: “E vi os sete anjos, que estavam diante de Deus, e foram-lhes dadas sete trombetas”.(Ap,8:2).

Nota-se que existe um “querer”, desejo de despir-se dos sofrimentos e angústias da carne. O eu lírico em uma espécie de confissão para si mesmo expressa essa vontade como se nota em “retirarei a pedra do sepulcro interior/e gritarei em voz alta:/’-Sofrimento, vem para fora!”, o sofrimento, desta forma, é representado pelas angústias da carne ou da vida.

A concepção da morte, neste poema, é apresentada de forma não dolorosa, mas sim como forma de aprendizado, ou seja, existe algo depois da passagem (ressurreição no caso), conforme passagem “Será a hora que os túmulos se abrirão”. Este verso do poema parafraseia a passagem bíblica em que Maria Madalena encontra o sepulcro no qual o corpo de Jesus foi posto e percebe que este foi aberto e o corpo já não está mais lá: “E no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro de madrugada, sendo ainda escuro, e viu a pedra tirada do sepulcro”(Jo, 20:1). Assim sendo, não se deve sofrer pela perda, pois a morte/paixão/sofrimento só será compreendida após o entendimento de sua real finalidade, ou seja, o desapego ao terreno, e a esperança no renascimento. No poema este renascimento acontece a partir de um novo ser humano ou “menino”, “e o menino renascido como um sol nos lábios/ voltará a comungar da ceia dos homens/ como se estivesse inaugurando o oxigênio da vida/ e celebrasse a luz de todas as manhãs do mundo”. Nesse sentido, este menino passa a ser símbolo de esperança e, portanto, vencedor do duelo contra a morte ou carências da carne: “Em nome da vida, a morte estará vencida!”

Neste poema, observa-se a questão do desapego material para a conquista da felicidade ou da aproximação com o eterno.

O conceito de felicidade pode, evidentemente, variar de uma sociedade para outra (MOREIRA, 2012). Existe uma grande diferença no que se diz ser a felicidade na *Bhagavad-Gita* que é um clássico épico da literatura, filosofia e religiosidade da Índia. Neste, encontra-

se um enredo histórico que remete a situações de conflitos existenciais da contemporaneidade. Seus ensinamentos e valores são um referencial para questionamentos da razão de se estar e viver no mundo e na sociedade Ocidental. Moreira (2012) observa que para a sociedade indiana a felicidade é alcançada pelo desapego das sensações externas ou “da carne”, ou seja, aquele que age sob o impulso do desejo, deixando de lado as determinações das escrituras, não alcançará a perfeição nem a felicidade. Já o conceito de felicidade para sociedade ocidental está ligado ao material em que se encontra a possibilidade de consumo de todas as ofertas que o progresso tecnológico põe à disposição, ou seja, quanto mais se consome mais se é feliz.

A título de exemplo, comparando a felicidade na *Bhagvad-Gita* ou na sociedade indiana e na sociedade ocidental, percebe-se que nesta a felicidade está associada ao espírito, a paz interior; já naquela felicidade é algo que depende de seu poder de compra, portanto, da realização dos prazeres da carne.

Assim, compreende-se que o eu lírico do poema *Dia de finados* concebe felicidade como na *Bhagvad-Gita*, posto que, a felicidade não está na carne e sim na esperança, no renascimento, ou seja, no eterno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término de nossa análise observamos que a relação entre os poemas de Luís Augusto Cassas e o texto religioso se estabelece por meio de processos intertextuais e interdiscursivos. Desta forma percebemos a relação dos poemas de Cassas com textos bíblicos, sendo estes, neste diálogo, hipertextos. Os textos de Cassas revelam a relação do homem com o mundo, mas também do homem com Deus, de forma que aquele não se sinta pressionado a escolher apenas um caminho.

Assim o homem acaba por ter “dois amores”: terreno e divino, sem a preocupação de apenas escolher um.

Sua poesia ressignifica o texto Bíblico, não o colocando em “xeque”, mas sim reafirmando-o. Os poemas de Cassas se apresentam como estratos textuais pluridiscursivos, portanto, plurissignificativos, sempre tecidos na interface entre o literário e o teológico.

Na poética do autor em discussão, o texto literário entrecruza-se com o religioso, de forma a não apagá-lo ou criticá-lo, mas sim de reafirmá-lo a partir de novas interpretações que cruzam textos bíblicos com ações prosaicas, afim de transcender o material ao sagrado,

mesmo que por via do sofrimento, sendo este utilizado de forma didática para o crescimento e a transcendência do homem.

Constatamos, por fim, que a obra de Cassas se apresenta como reconfiguração, portanto, reelaboração e reescritura de temas teológicos, que se expressam por meio de encadeamento de figuras e símbolos “temas” do sagrado, através de reelaborações poéticas.

ABSTRACT

This work may analyse the relations between the poems by Luis Augusto Cassas and the bible texts, emphasizing the passion observed in this contexto, by suffering however, this suffering like the knowledge lapidation, purification or reapproximation of man with god. We use, for the analyse, some poems of the book *Liturgia da Paixão – Opus da Compaixão*, as in the “Apocalipses”, “A Mercadoria Extraviada” end the “Dia de Finados”. In these, we observed the processes of intertextuality and interdiscursivity with religious text presented paraphrase shaped. In this sense , the research highlights issues concerning man's relationship with the divine, observed from theological texts and therefore present in our poems. The theme of passion / suffering is woven into didactic , given that this presents a teaching which is bridge to the eternal. Theoretically we support the studies of Fiorin (1994) using the figure of concepts and topic related to the theme of passion/ suffering however; Maingueneau (1997) to observe the interdiscursivity process between Cassas poetics and the bible text, by the way, we use Genette (1982) to deep the discuss about the intertextuality process and consequently show in paraphrase words the poetic text and the literary one.

Key-words: Literature. Interdiscursivity. Theology.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELCORSO, Gianni. **Um Estudo da Construção da Personagens Garfield entre Temas e Figuras**. 2007; Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Letras) - Universidade Presbiteriana Mackenzie.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Paulus, 1990.

BRANDÃO, Eli. **O Símbolo na metáfora: fronteira entre o literário e o teológico**. n: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Literatura e Estudos Culturais. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2002.

CASSAS, Luís Augusto. **A Poesia sou eu**. 1º volume. Rio de Janeiro: Imago, 2012.

_____, **Liturgia da Paixão – Opus da Compaixão**. Rio de Janeiro: Nordica, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do Discurso**. São Paulo: Ed. Contexto, 1994.

GENETTE, G. **Palimpsestes**. La littérature au second degré. Paris:Éditions du Seuil, 2006.

GREGGERSEN, Gabriele. **Sofrer, para quê? Um ensaio sobre o sofrimento no pensamento de C.S.Lewis**. In. Revista Teológica Online, 2012.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário**. 14. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes/ Ed. da Unesp, 1997.

MOREIRA, Thiago P. **O conceito de felicidade na Bhagavad-Gita: Similaridades e contrastes com o paradigma hegemônico no ocidente**. In. Religare 9, 2012.

SAVIOLI, Francisco Platão & FIORIN José Luís – **Para Entender o Texto**. São Paulo: Ática, 1995.

<http://www.jornaldepoesia.jor.br/luac.html>